

CDU 615.89

MEDICINA POPULAR NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÃO

Veríssimo de Melo

Algumas observações sobre medicina popular de caráter generalizante, sobretudo para o Nordeste brasileiro, nos parecem sumamente importantes. Especialmente se alinharmos informações históricas, de raízes européias, indígenas e africanas que são fundamentais para uma compreensão mais agudamente válida da realidade.

Apesar dos esforços dos Governos, com apoio, muitas vezes, de organizações internacionais, no desenvolvimento de uma política de saúde pública no país – esses esforços sempre encontraram e continuarão a encontrar uma barreira, uma resistência difícil de vencer: a medicina de folk. Por que? – indagamos. Porque a medicina popular, como um todo, é herança das nossas tradições culturais e decorrência também das condições econômicas inferiores e baixo nível educativo das camadas populares da população.

Entendemos por medicina *de folk* ou medicina popular – de modo amplo – uma série infinita de credices, processos e práticas de fundo

mágico e supersticioso, ao lado de elementos da farmacopéia, normas e princípios tradicionais de higiene saudáveis, úteis e sábios. Tudo herança dos nossos antepassados lusos, indígenas e negros. Se bem que nesse conjunto heterogêneo de processos e práticas, muitos elementos tenham sido aproveitados pela medicina científica – em geral, é essa medicina *de folk* o único e exclusivo recurso das massas populares na busca de soluções para problemas seculares de saúde.

Vamos agora navegar nas águas tantas vezes fantásticas da medicina popular, recolhendo observações que nos parecem pertinentes.

Sabendo-se que a Medicina surgiu da magia e da superstição — pouco a pouco os espíritos científicos foram separando o joio do trigo. Com base em observações diretas dos fenômenos orgânicos, a experiência foi acumulando uma série de conhecimentos e práticas destinados a curar ou amenizar os sofrimentos de ordem física e mental dos indivíduos. Constituiu-se, assim, a Medicina científica, especialmente na Europa, embora convivendo até hoje com uma medicina mágica e supersticiosa na mesma área, na mesma cidade, na mesma casa. Apesar dos progressos maravilhosos da ciência médica nos grandes centros — acessíveis, infelizmente, a quem desfruta de melhores condições financeiras do que ao povo em geral — a medicina *de folk* persiste e vai servindo, aqui e ali, à maioria das populações interioranas; ou das cidades satélites naquilo, evidentemente, que possui de sábio e utilização comprovada pela tradição.

Garcia da Orta

Gilberto Freyre, numa reunião do Seminário de Tropicologia da UFPE, em 1968, sobre Farmacopéia e Trópico, lembrou um vulto extraordinário da nossa tradição lusitana: Garcia da Orta. Foi botânico do Sec. XVI, que acumulou enorme saber europeu de sua época, enriquecendo-se, ainda mais, na Índia, precisamente em Goa, onde teve como principal companheiro – afirma Gilberto Freyre – “um certo poeta chamado Luis de Camões”. Sabe-se que Garcia da Orta absorveu larga soma de conhecimentos da medicina oriental, como ele mesmo

proclamou: “experimentando no próprio corpo, como os próprios olhos e com a própria língua”. Seu livro monumental, *Colóquios dos simples e drogas e coisas medicinais da Índia*, foi escrito em latim, sendo depois traduzido para o português e outras línguas. Parte desses conhecimentos, Luis de Camões os divulgou através dos *Lusíadas*. De tal forma relevante foi a contribuição desses pioneiros portugueses – frisa Gilberto – que já não se pode mais falar em medicina tropical sem lembrá-los. E quem fala em medicina tropical fala em medicina de *folk* – dizemos nós.

Paremiologia médica

A sabedoria popular brasileira – todos sabem – tem suas fontes mais remotas na tradição latina. Costumes e hábitos romanos se mesclaram com sobrevivência de povos ocidentais e orientais, com os quais entraram em contatos culturais, daí se constituindo, na Península Ibérica todo esse *corpus* de tradições que os lusitanos implantaram no Brasil. De maneira que não nos causa surpresa, por exemplo, encontrarmos em vários livros espanhóis, sobrevivência que nos falam tão de perto daqueles princípios e normas de higiene e saúde, que aprendemos na tradição nordestina.

Um desses velhos livros, que possuímos, intitulado *Medicina espanhola contenida em proverbios vulgares de nuestra lengua*, é de autoria de Juan Sorapán de Rieros, médico do Santo Ofício da Inquisição de Llerena e Granada. A primeira edição desse livro apareceu em 1616. O autor recolheu ali um manancial de paremiologia médica – incluindo provérbios, refrãos, adágios e demais sentenças de cunho eminentemente popular, conservados pela tradição oral em Espanha. Na obra, reeditada em 1958, Sorapán de Rieros relaciona e comenta cerca de cinquenta refrões. Muitos deles familiares para nós, nordestinos, trazidos pelos colonizadores lusos. Traduzimos alguns, para que se observem as afinidades, quando não identidades com a nossa sabedoria popular:

Se queres viver são, faz-te velho cedo
O muito comer traz o pouco comer.

De fome a ninguém vi morrer, de muito comer a cem mil.
Pão de ontem, carne de hoje, vinho antigo trazem o homem
são.

Come pouco, ceia mais, dorme em alto, viverás.

Quem quiser viver são, coma pouco e ceie cedo

Quem se deita sem ceia, toda a noite devaneia

Come pouco e ceia mais e dormirás

Depois de comer, dormir, e de cear, passos mil.

Mais matou a ceia do que sarou Avicena.

Por muita ceia, nunca noite boa.

Não lhe quer mal quem furta ao velho o que há de cear.

Das carnes, o carneiro, dos pescados o mero.

Comer verdura e esquecer a desventura.

Azeitona, uma é ouro, duas é prata e a terceira, mata.

Dos olores, o pão, dos sabores, o sal.

Água sem cor, cheiro e sem sabor e que veja o sol.

Água má, fervida e coada.

Quem é amigo do vinho, inimigo é de si mesmo.

Quem tiver bom vinho, beba-o, não dê a seu vizinho.

Comida fria, bebida quente, nunca fizeram bom ventre.

Quem se exercita, descansa, e o que está em ócio, trabalha.

Quem canta seus males espanta.

Se queres que teu filho cresça, lava-lhe os pés e raspa-lhe
a cabeça.

Giquitaia – Remédio Comprovado

Outro livro antigo – este já editado no Brasil, através de sua reedição no vol. 89, (1969-1971) dos Anais da Biblioteca Nacional, – intitula-se *História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brasil. pertencentes à medicina*. Seu autor foi Francisco Antonio de Sampaio, português da Vila Real, que a partir de 1758 foi médico do Senado e do Hospital da Vila de Cachoeira, na Bahia. Usos medicinais da Flora brasileira foram ali relacionados, inclusive de sua própria experiência – como disse. Respigamos, pela sua curiosidade, um desses usos tradicionais. Trata-se do remédio para febres, de “grande uso na época

nos sertões baianos e em Minas, com o nome de *giquitaia*, (*) isto é, pimenta-malagueta. Registra o autor: “O uso que se faz destes pequenos frutos (a pimenta-malagueta) é em cristéis: cozem-se em água comum duas, até seis (e quanto mais quiser) e este cozimento se aplica em cristal. Eu, porém, sempre colhi melhores efeitos para com meus enfermos ajuntando ao mesmo cozimento uns limões azedos”. E aconselha, com base em muitas observações pelo uso da prática médica, que se apliquem nas vítimas “dois ou três dos referidos cristéis”, acrescentando: “A irritação e ardência que sofrem os pacientes promovem um ‘fortíssimo e instantâneo tenesmo’ (tremenda sensação de dor), no fim do qual se acham ‘robustos, livre de languescência e prostração’ em que antes estavam...”

A citação nos parece oportuna para mostrar aplicações inusitadas de vegetais nossos, como medicamentos populares. É da tradição — embora muito mais recomendável para nossos inimigos do que para os amigos...

A Contribuição do Dr. Fernando São Paulo

Sobre o vocabulário médico popular no Brasil, há um livro, já hoje clássico, que é de autoria do Dr. Fernando São Paulo. Trata-se do volume *Linguagem médica popular no Brasil*, cuja 1ª edição foi publicada em 1936, em Salvador, Bahia. No ano de 1970 saiu nova edição, já em dois volumes, editora Itapuã, Salvador, também na Bahia, com prefácio do escritor e folclorista José Calazans. É obra clássica — repetimos — que reúne perto de 1.500 verbetes sobre a temática. Um verdadeiro Dicionário de Medicina Popular, como nunca se fez no país.

Dr. Fernando São Paulo — informou-nos o escritor José Calazans — foi professor da cátedra de Terapêutica na Faculdade de Medicina da Bahia. Sobre esse ilustre médico baiano, acrescentou José

(*) - Teodoro Sampaio, no livro *O Tupi na geografia nacional*, abona o termo *Jiquitaia* acrescentando: “O que é picante, o molho, a formiga.”

Calazans: foi “figura altamente responsável de mestre, minucioso na transmissão do conhecimento, rigoroso na verificação da aprendizagem, fidalgo no trato pessoal”. Pelo que pudemos apreciar na obra do Dr. Fernando São Paulo, trata-se de um livro que o ocupou por toda a sua vivência de mestre e médico particular. Um monumento de saber de experiência feito, além do trabalho modelar de pesquisa que efetuou. Sobre a medicina popular — dizia o prof. Fernando São Paulo em nota preliminar do seu livro: ... “Nenhum país tem menosprezado a medicina popular, que se deve examinar, estudar e meditar. Ela vive pertinho da medicina culta. A princípio, ao alvorecer da civilização, eram irmanadas ambas em tronco primário. Dicotomizou-se este, em seguida, com exuberância e predomínio da medicina científica. Mas a outra vergôntea não é inteiramente arruinada; dá alguns brotos à Nosologia, fornece remúnculos à Terapêutica, ministra seiva à Filologia e ao Folclore, motiva, como a companheira vitoriosa, comentários à contingência de muitas verdades científicas”.

Na introdução do seu ensaio — a princípio uma conferência pronunciada no Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, em 1932 — Dr. Fernando São Paulo salienta algo fundamental ao lembrar as dificuldades que os jovens médicos enfrentam em contacto com doentes no interior do país. O interrogatório, a anamnese dos pacientes, faz-se de modo confuso, incompreendido no sentido propriamente médico. Cita exemplo desse linguajar do povo, que o médico jovem deve de pronto interpretar: “*Seu Doutô quero receitar minha obrigação.* (Obrigação é o termo popular que corresponde à mulher, à esposa). *Ela se queixa que a dona do corpo espaiou, faz um ano, ajuntou no pé da guela, deu nó que não deixa engulir direito*”. Lembra Dr. Fernando São Paulo a admiração de dois dos seus colegas ilustres Artur Neiva e Belisário Pena quando, pelo interior do Brasil, ouviram queixas assim: “*A muié tá zangada da mãe do corpo (útero) por via de ter lavado o corpo (tomado banho) quando tava de boi (menstruada). A coisa supitou pra riba (suspensão) e o mês não voltou. Toda volta de lua a barriga fica empaixada (timpânica) e ela não deseste (defeca)*”. Etc.

Outro aspecto igualmente interessante que o médico baiano

examina diz respeito à diversidade da sinonímia popular nas várias regiões brasileiras. Doença de nome conhecidíssimo num lugar, às vezes tem denominação completamente diferente noutro Estado. Cita um exemplo: “A parotidite aguda epidêmica é papeira no Norte (também no Nordeste), enquanto no Sul é “cachumba”. Em certas regiões de Minas Gerais, “cachumba” é sinônimo de “bócio”. *Remeido* e *meizinha* têm sentido distintos. Remeido é o agente, que extingue ou minora o sofrimento; meizinha é toda substância, o elemento químico destinado a uma finalidade.

Podemos oferecer depoimento pessoal interessante de diálogo que tivemos com o motorista do Museu “Câmara Cascudo”, quando ali trabalhávamos. Ao nos pedir permissão para levar sua genitora ao médico, justificou o problema de saúde que a afetava com estas palavras: “*É que ela está sentindo uma agonia nos braços e as mãos esquecidas. Pega numa coisa e não tem força. Cai*”. *Mãos esquecidas* é uma expressão genial...

O poderio astronômico, o ambiente cósmico é outro fator largamente acatado na medicina milenária — lembra o autor baiano. “Principalmente no estado mórbido, o equilíbrio entre o organismo e o meio cósmico, tem a sua estabilidade regida pela influência dos astros, a região do globo, o clima, a estação, o dia, a hora, o sexo”. Diz o autor: “Vai nascendo a denominada Meteoropatologia, a Meteorologia Médica, graças ao estudo dos ventos, da temperatura, da pressão barométrica, do grau hidrocópio do ar, da luminosidade, eletricidade atmosférica, graças à estima do magnetismo terrestre, das diferentes irradiações, das manchas solares”. A convicção de que a lua exerce poder sobre o ambiente cósmico ao homem e outros animais deu lugar a expressões consagradas como *aluado*, *andar de lua*, *estar com a lua*, *lunático*, *lua de mel*, *lua cris*, *ter lua*, etc.

Os ventos, para o homem do povo, são perigosíssimos. O chamado “*vento encanado*” produz paralisias sabidas. A propósito, Mestre Nilo Pereira contou-nos que ao visitar um amigo, no Recife, encontrou-o de pescoço duro, não podendo mover a cabeça. Ao indagar o que acontecera, ouviu do seu amigo esta explicação: “Fiquei

de pescoço duro porque apanhei um desses ventos”. Ao que Nilo, sempre bem humorado, adiantou: “Se você algum dia desejar se mudar desta casa, avise-me que eu tenho necessidade de endurecer também alguma coisa...”

Sobre os arcaísmos na linguagem popular brasileira, Dr. Fernando São Paulo também destaca o aspecto lingüístico, que considera “veio riquíssimo” para ser explorado pelo lexicógrafo. São velhos portugueses já esquecidos em Portugal, mas que ainda permanecem vivos no interior brasileiro. Por exemplo: o uso do verbo *trouver* em lugar de trazer; *apunhar* em vez de empunhar; *mouco* em lugar de surdo; *aguar* em lugar de regar. Persiste a tendência de transformar substantivos em verbos, como *recursar* (procurar recursos); *encardunar* (formar cardumes); *encangar* (unir animais, mesmo sem canga); etc. Dr. Fernando São Paulo transcreve diálogo a propósito, que o escritor Visconde de Taunay registrou entre um soldado e um general.

– “Quantos filhos tem? - perguntou o general.

– Nenhum — disse o soldado. Minha muié é como a de Vossa Excelência: é *machorra*.

– Que é *machorra*? - indagou o general.

Respondeu o soldado:

– Machorra é égua que não dá cria”.

No Nordeste usa-se também como sinônimo de *machorra* a palavra “*maninha*”.

Peculiaridades da Medicina de Folk no Nordeste

A medicina popular ou de *folk* se divide, naturalmente, em dois campos: a parte *material*, que envolve medicamentos, plantas, animais, minerais, etc., e a parte *espiritual*, que está ligada aos fenômenos ou forças que o povo julga de origem sobrenatural.

Meizinha ou *mezinha* é palavra que o nordestino, especialmente no meio rural, emprega diuturnamente com a significação de remédio, medicamento, e por extensão, chás, poções, etc. O que nem todos sabem é a origem dessa palavra completamente desgastada pelo uso.

Meizinha é corrutela de Medicina; talvez se estropiou desta forma: *Medicina, Meicina, Meizinha*.

Vejamos algumas peculiaridades nordestinas relacionadas com *meizinha* em nossa área de observações.

A numerologia popular é uma constante nas preocupações da gente simples do Nordeste. Os números estão presentes em denominações de doenças, como “*Mal de sete dias*”, que é o tétano umbilical; “*Mal de sete couros*”, infecção na palma do pé, também chamada de “*frieira*”, etc.

Os ventos, como já lembramos, as correntes de ar dentro de casa, podem desencadear vários tipos de doenças. Daí as denominações de “*vento encanado*”, “*ar encanado*”, “*vento das costas*”, “*ramo de vento ou de ar*”, correspondendo à hemiplegia ou hemorragia cerebral. “*Ar encalhado ou encanado*” são sinônimos de dores reumáticas. Há mesmo uma oração forte de São Romão para combater esses ares impuros.

Estranhamente, o demônio para muita gente é responsável por várias doenças de origem mental. Pode falar-se numa demoniologia no Nordeste. Há uma crença generalizada nos poderes demoníacos. O médico Raul Fernandes, em conversa conosco sobre o assunto, estranhou que nas casas de famílias no interior do Estado já não via mais os quadros nas salas-de-visitas com a imagem de demônio. Na sua juventude, em Mossoró, aquelas imagens do diabo eram constantes nas residências. E nos perguntava o que é que estava havendo com o demônio!... Estaria desprestigiado?...

Observem alguns nomes de doenças no Nordeste, através de suas corrutelas: *amassamento de carnes*, (contusão); *desmentidura* (dor intermitente); *destruncamento dos membros*, (dor do dorso lombar); *dor de encruzidade*, (dificuldade de movimentos articulares); *entrevação*, e outras como *espinhela caída*, (*); *desmantelo*,

(*) - Espinhela caída - Síndrome relacionada com anormalidades no apêndice xifóide. Os portugueses já conheciam a denominação popular antes do descobrimento do Brasil.

(irregularidade na menstruação); *catarro amalinado*, (gripe); *macacoa*, (angústia); *nó nas tripas*, (vólculo); e vai por aí afora.

Popularmente, usam-se as expressões: *beber-por-dentro*, por via oral; e *beber-por-fora*, aplicação de cristéis.

Observem-se que nem todos os remédios populares são absurdos e inconseqüentes. Há muita coisa útil na farmacopéia popular.

Musicoterapia Popular

Ninguém tem dúvida de que a música exerce poder tranqüilizador sobre determinados tipos de inquietações mentais.

Hospitais modernos instalaram serviços de som em suas dependências para amenizar tensões quotidianas entre médicos e enfermeiras. Certas práticas, com utilização de músicas, visando curar doenças de origem patológica, nos causam estranheza.

Orlando Tejo, no livro “*Zé Limeira — Poeta do Absurdo*” - confessa a propósito, pag. 29: “A verdade é que não existe remédio mais eficaz para combater veneno de aranha do que três baiões de viola, tocados em dias consecutivos sobre a parte do corpo humano atingido”. Depõe: “Tive oportunidade de testemunhar isso no auditório da Rádio Borborema (Campina Grande), quando uma senhora, trazendo nos braços uma criança, socorreu-se do cantador Cícero Bernardes, minuto após o poeta encerrar o seu programa diário. A curiosidade — acrescenta — levou-me a comparecer ao auditório nos dois dias subseqüentes, para a constatação do fato. A criança, cuja perna esquerda apresentava todas as características de alta infecção, em conseqüência da picada de uma aranha, já no dia seguinte ao terceiro baião estava completamente restabelecida. Não havia mais nenhum sinal da picada. E não se tratava de auto-sugestão, porque a cura se deu numa menina de poucos meses, o que me faz acreditar inteiramente no que estava presenciando”.

Sabe-se que a cura da picada de aranha, através da música, é

prática universalmente conhecida. Na Argentina, Oreste Di Lullo, no livro *“El Folklore de Santiago Del Estero”*, nos deu depoimento a respeito, afirmando que encontrou o procedimento em Rio Hondo e no lugar Diaspa, no Departamento de San Martin. A milenária receita consiste em surpreender o enfermo, enquanto dorme, com os arpejos de uma guitarra, tocada pelo curandeiro, apoiando um dos pés na cama do enfermo. Cita fragmento de canção curativa, com versos assim:

Aranita poñazonosa/ que has hecho nido en las pajas/ Si tu ponzoña me mata/ No iré más a tu casa./ Aranita ponzonosa/ Ves aquela cruz bendita/ Que está en aquella pared,/ Si tu ponzoña me mata/ No te volveré a querer”. Etc.

Entende o folclorista argentino que a picada de aranha venenosa pode produzir preocupações e melancolia no enfermo, atuando a música no sentido de remover esse estado mórbido, levantando o espírito do doente.

As canções de ninar ou acalanto, por outro lado, promovem o adormecimento das crianças não apenas pela monotonia do seu ritmo, mas principalmente pelo fato de a melodia cumprir uma função sedativa sobre o sistema nervoso — afirma Orestes Di Lullo.

Fato muito conhecido é a denominação de “tarantismo” que se deu à epidemia originada na Itália, consistindo numa série de manifestações dançantes, que contaminaram comunidades. A peste era atribuída à ação da picada da aranha tarântula, obtendo-se a sua cura através da música de guitarra e flautas. Daí a origem da palavra “tarantela”, dança frenética italiana, cujo vocábulo foi depois utilizado por compositores famosos, como Chopin, para intitular certa música alegre e dançante.

Impacto das Mudanças

O biólogo Bezerra Coutinho, na reunião do Seminário de Tropicologia, já citado — ao resumir os problemas das doenças em

relação aos remédios de qualquer natureza, declarou: “As doenças podem se distribuir em dois grandes grupos e um pequeno grupozinho; daquelas que curam de qualquer maneira; o grupo daquelas que ficam maltratando; e o grupozinho daquelas que matam. Doença que não mata — adiante — curará ou durará”.

Por sua vez, na mesma ocasião, o médico Marcionilo Lins colocava a questão de outro ângulo, ao afirmar: “Há doenças que curam mesmo sem os remédios; há doenças que vêm para não curar; e há as que com o remédio também não curam”.

De maneira que — dizemos nós — a medicina de *folk*, pondo de lado o seu aspecto positivo — continua a desempenhar sua generosa missão tentando ajudar àquelas doenças que curam de qualquer maneira, isto é, mesmo sem ela: porque é evidente que até mesmo a medicina científica nada pode fazer contra as doenças que vêm para matar.

No mundo em transformação que estamos vivendo, com a crescente alfabetização das massas humanas e melhoria dos níveis sociais, a medicina de *folk* irá lentamente perdendo terreno para a sua irmã rica — a medicina científica.

Esse impacto do tradicional com o moderno é contingência dos nossos tempos. Estamos todos os dias assistindo e vivendo esses conflitos, na medida em que surgem novas mudanças culturais e sociais.

Os veículos de comunicação de massa desempenham papel relevante nessas transformações, porque é através deles que chegam até nós as inovações revolucionárias. E de tal forma se sucedem esses impactos extraordinários, que afinal todos nós vamos ficando um tanto céticos diante da realidade que aí está.

Já se sabe de notícias impressionantes sobre a criação de vida artificial em laboratórios, através de revolucionários processos de engenharia genética. No instante em que ouvíamos essas notícias pela TV, minha mulher lutava para tirar um argueiro no meu neto, utilizando

aquelas ingênuas palavras consideradas mágicas e que vêm do fundo dos séculos: “Corre-corre cavaleiro/ vai na casa de São Pedro/ dizer a Santa Luzia/ que me tire este argueiro”.

Luiz de Camões — o poeta máximo do nosso idioma — já assinalava, no século XVI, esse anseio universal pelas transformações culturais e sociais e as marcas do seu impacto na nossa condição humana, ao declarar:

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo mundo é composto de mudança
tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
diferente em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
Pelo bem, se algum houve, as saudades”.

Nota Final

Dias depois de escrever esta palestra, recebemos, coincidentemente, livro importantíssimo dentro do campo da medicina popular no Brasil. Trata-se do volume “*EWÉ — O uso das plantas na Sociedade Iorubá*”, de autoria de Pierre Verger, editado pela Schwarcz Ltda., São Paulo, 1995, com patrocínio da Odebrecht.

Pierre Verger — para quem não sabe — é renomado pesquisador e escritor francês, que trabalhou vários anos na África, fixando depois residência em Salvador, Bahia. É hoje o mais reputado africanista no Brasil, já com a avançada idade de 92 anos.

Neste livro — 762 páginas — ele pesquisou e recolheu centenas de receitas iorubá, relativas aos negros da Nigéria e países limítrofes, para os mais diferentes males do corpo e do espírito. Algumas dessas receitas surpreendem já pelo seu enunciado, como por exemplo — para tratar corcundas, para tirar tatuagens, para tratar coxos, para

tratar doença que deixa a língua preta, etc., etc. Entre os “trabalhos” — processos vários à base de plantas — estão, por exemplo, para Exu atacar alguém, para Xangô atacar alguém, para matar alguém, para tomar o terreno de alguém, para escapar de processos na justiça, etc., etc. A listagem das receitas e “trabalhos” é numerosíssima.

Creemos que o livro de Pierre Verger sobre o uso de plantas na sociedade iorubá é obra que já nasceu clássica no estudo da medicina de *folk* no Brasil.

É possível que se observe, nesta palestra, a ausência de referências à medicina indígena no Brasil — também campo vastíssimo para pesquisa e estudo. Aí se destacam os “*curares*” — hoje, muitos deles, de aplicação corrente na medicina científica internacional. Mas, isto já é outra estória — como gosta de dizer o povo.

Bibliografia

- DI LULLO, Orestes. *El folklore de Santiago del Estero*. Argentina: S. del Estero, 1944.
- FREYRE, Gilberto. "Farmacopéia & Trópico" - in *Anais do Seminário de Tropicologia* - 1968 - v. 2 - Recife - 1974.
- ORTA, Garcia de. *Colóquios dos Simples e Drogas e Coisas Medicinais da Índia*. Goa. Sec. XVI.
- PELTO, Perti J. *Iniciação ao Estudo da Antropologia*. Rio: Zahar Editores, 1967.
- RIEROS, Juan Sorapán. *Medicina Española Contendida em Provérbios Vulgares de Nuestra Lengua*. 2. ed. Madrid, 1949.

SAMPAIO, Francisco Antonio. *História dos Reinos Vegetal, Animal e Mineral do Brasil pertencente à Medicina*. - Anais da Biblioteca Nacional - Rio, vol. 89, 1971.

SÃO PAULO, Fernando. *Linguagem Médica Popular no Brasil*. 2. ed. Salvador. Ed. Itapuã, 1967.

TEJO, Orlando. *Zé Limeira, Poeta do Absurdo*. 4. ed. João Pessoa: A União. Comp. Editora, 1978.

VERGER, Pierre. *Ewe - o Uso das Plantas na Sociedade Iorubá*. São Paulo: Edição Schwarcz Ltda., 1995, (Patrocínio da Odebrecht).

